

A CRISE DA UNIÃO EUROPEIA

por Mário Soares

1. A crise económica, todos sabemos, iniciou-se na América com a falência do banco Lehman Brothers, ainda no tempo de Bush. Foi consequência da globalização desregulada e da ideologia neo-liberal que sobrepôs ao poder dos Estados os mercados usurários, as offshores e o dinheiro pelo dinheiro, sem regras éticas. Ignora as pessoas, que não contam, mesmo quando morrem de fome.

Na altura, 2007/2009, tive ocasião de escrever uns livros "Um Mundo em Mudança", "O Elogio da Política", "Em luta por um Mundo Melhor" e "No centro do Furacão", em que manifestei o risco de contágio do neo-liberalismo, para o euro e a própria União Europeia.

O Presidente Ronald Reagan e a Primeira-Ministra britânica Margareth Thatcher foram os campeões dessa desastrosa política neo-liberal, que o pseudo trabalhista Tony Blair continuou, com as consequências negativas conhecidas.

Como era inevitável, dada a ligação profunda entre a América e a Europa, o neo-liberalismo americano contagiou a União Europeia, em especial a da zona euro, com uma moeda então mais forte do que o dólar. Assim, começou a crise da União, na zona euro, tendo como líder na Alemanha, a Chanceler Angela Merkel, vinda da Alemanha de Leste onde foi - sabe-se agora - militante comunista, apesar de luterana. Depois da queda do muro de Berlim revelou-se contrária à unidade alemã, para a qual os Estados europeus contribuíram. E Portugal também.

O primeiro Estado a ser atingido pela crise do euro, foi, como se sabe, a Grécia, berço da nossa civilização que, por isso, além do mais, devia ter sido, desde o primeiro dia, melhor tratada. Mas não foi. A Chanceler alemã, então aliada aos liberais, ultra-conservadores, como ainda está, embora se diga democrata cristã,

reagiu, como os mercados queriam. A Grécia - onde os bancos alemães contavam muito - foi andando de mal a pior, até conseguir o suficiente para pagar os enormes juros que a troika lhe exigia. Enquanto os Estados ditos periféricos, da zona euro, deixados ou não sem apoio financeiro - e quebrando os princípios fundamentais da solidariedade e da igualdade - foram entrando em crise, progressivamente. Primeiro a Irlanda, depois Portugal, a Espanha, a que se seguiu a Itália (a terceira economia europeia), o Chipre, a recente e surpreendente explosão da Holanda e agora a França.

Tudo por causa da política criminosa da austeridade, imposta pela Alemanha e seguida pela Comissão Europeia, de que é presidente Durão Barroso (com sucessivas e graves mudanças de opinião) e, com maior descrição, pelo presidente do Banco Central Europeu, o italiano Mário Draghi e o FMI, que tem mudado várias vezes de opinião.

A austeridade, como está hoje provadíssimo, só favorece os mercados usurários e os que neles mandam. Mas arrasa os Estados e os respectivos Povos. E não são só os Estados ditos periféricos ou do sul, como se disse, antes de tempo. Vide a Holanda, a França - e a Alemanha, os dois fundadores da CEE, hoje União Europeia. A Alemanha, era evidente, como alguns prémios Nobel da economia preveniram. Como Joseph Stiglitz e Paul Krugman, entre vários outros.

Agora a Alemanha está cada vez mais a dar sinais de dificuldades, porque perdeu, com a austeridade, muitas exportações para os Estados europeus, donde vinham quase cinquenta por cento das receitas. Vai entrar, por isso, se a política de austeridade continua, ela própria em recessão, com as consequências negativas daí resultantes.

A opinião pública europeia começou, assim, a compreender que é preciso - e urgente - mudar de política e dos políticos actuais, que se têm revelado incompetentes. Os partidos no poder na União são quase todos ultra-conservadores, incapazes de compreender a situação actual. A verdade é que os partidos que construíram a União Europeia - os socialistas, social-democratas ou

trabalhistas e os democrata cristãos - com algumas excepções, como a França e agora a Itália (com o excelente Presidente Giorgio Napolitano, reeleito apesar da sua idade e o seu actual primeiro-ministro, Enrico Letta), que abertamente se declaram contra a austeridade e pôr de novo os Estados, a controlar os mercados, e não o contrário.

Por isso, as populações de todos os Países europeus se manifestam ruidosamente contra as Troikas, os mercados, os pseudo-políticos e os Governos empenhados na austeridade.

Note-se que os Estados Sociais, obra do pós-guerra, a Democracia, tal como a concebíamos e os Estados de Direito, todos estão a ser postos em causa e a reclamar uma mudança de política profunda, quanto antes. O dilema é simples: ou se luta contra o desemprego, a pobreza generalizada, a recessão e se garante o Estado Social, em todas as suas vertentes, enquanto é tempo, ou a União Europeia cai no abismo. O que seria uma tragédia para a América (cujo único aliado fiel é a União Europeia) e mesmo para os grandes do Mundo: China, Rússia, Japão, Brasil, Índia, México e alguns outros.

Tenho esperança que isso não aconteça, porque o Mundo - e o bom senso - não quer, seguramente, que a União Europeia, o projecto político mais original e benéfico para as populações, que já houve, desapareça, com o perigo maior de se envolver num novo conflito mundial. Seria um regresso civilizacional inaceitável que nos faria recuar mais de um século. Haja bom senso e coragem.

2. Quanto a Portugal, o Primeiro-Ministro do actual Governo e sobretudo o Ministro das Finanças, Victor Gaspar, é quem manda, são partidários fanáticos do neo-liberalismo e, portanto, fiéis às políticas de austeridade. A Troika funciona para o nosso Ministro das Finanças como um super Governo perante o qual os actuais dirigentes portugueses obedecem com total subserviência. Contudo, a esmagadora maioria dos portugueses está desesperada e é totalmente hostil ao Governo. Muitos desempregados emigram (como, de resto, o Primeiro-Ministro aconselhou fazer às melhores cabeças) e manifestam-se nas ruas e salas de conferência, ruidosa e criticamente, contra o Governo. É certo que o Governo está paralisado, não sabe o que fazer e os Ministros não se entendem entre si. Não podem sair à rua sem serem vaiados. Não têm, nem nunca tiveram, uma ideia coerente do que fazer e do que esperam vir a fazer. Mas estão agarrados ao poder - não se demitem apesar da hostilidade geral - haja o que houver. Por medo do que lhes possa acontecer?

A verdade é que este Governo moribundo, com o líder do outro partido da Coligação, Portas, a ameaçar demitir-se, o que fazia cair o Governo, continua a arruinar o País, a vender tudo o que pode de importante, por qualquer preço, sem que diga ao País por que preço e para onde vai o dinheiro. Já apresentaram, por duas vezes, Orçamentos de Estado, que o Tribunal Constitucional rejeitou, em parte. Para o Governo isso não tem a menor importância, porque não se importa com a Constituição da República e não sabe o que seja um Estado de Direito. Está a arruinar as nossas excelentes Universidades e os Institutos Científicos. A classe média está a desaparecer, com os cortes, bem como os funcionários públicos e as pequenas e médias empresas. Mas o Presidente da República apoia-o. O Povo está desesperado e a manifestar-se cada vez com mais força, o que é muito perigoso.

Note-se que com este comportamento, o Primeiro-Ministro tem vindo a dividir o seu próprio partido: o PSD, social-democrata, desde o seu fundador, Sá Carneiro. Festejou recentemente 39 anos de existência. Contudo, a maioria dos seus militantes esteve ausente e está contra o actual Governo, bem como os principais dos seus antigos dirigentes. Porque o Governo não é social-democrata: é ultra-conservador e neo-liberal. Detesta o Estado Social - que quer destruir - e não tem o mínimo sentido de patriotismo.

Dou um simples exemplo, bem significativo: o actual Governo pensa vender os CTT que no ano findo, 2012, deram um lucro de 74 milhões de euros. Apesar disso, o Governo vai encerrar cerca de 200 postos de correios por todo o País, que são essenciais para as populações, sobretudo as mais pobres e idosas. Trata-se de uma iniciativa puramente economicista, que está a indignar todo o País, visto que os Correios datam do ano 1520, isto é: no tempo da Monarquia e sempre foram respeitados, até hoje, incluindo a I República, a Ditadura e a Revolução dos Cravos, até hoje. Pois bem: o actual Governo, odiado e ilegítimo - pela forma como se comporta - quer agora vender os CTT, a retalho... Para quê? E por quanto dinheiro? O Governo não se dignou dar qualquer explicação, não obstante os protestos de toda a população.

Lisboa 21 de Março de 2013